

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**AS TECNOLOGIAS, A UTILIZAÇÃO DO MEIO DIGITAL COMO ALIADO
NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA**

Pontes e Lacerda – MT
2013/1

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

KÉZIA ALINE PIRES DE SOUZA

**AS TECNOLOGIAS, A UTILIZAÇÃO DO MEIO DIGITAL COMO ALIADO
NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso- *Campus* Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Ms. Carmem Zirr Artuzo

Pontes e Lacerda – MT
2013/1

Esta monografia foi apresentada perante a seguinte banca examinadora:

Prof^a. Ms. Carmem Zirr Artuzo

(Orientadora)

Prof^a. Prof. Ms. João Vanes S. Tobias

Prof^a. Rita de Cássia S. Penteado

À minha mãe, que embora não pôde acompanhar de
perto a realização deste sonho, tenho certeza de que
estava/está torcendo por mim, te amo!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus pela sabedoria, por iluminar minha mente a respeito do que fazer e escrever. Deus foi fiel, obrigada Senhor,

A meu pai Sebastião José de Souza, minha madrastra Sonia Maria da Silva e sua filha Greiciane da Silva Leal, pelo apoio nos momentos que mais precisei amo todos eles;

À minha linda irmã Queila Souza, pelo amor, carinho, companheirismo, por estar sempre ao meu lado me ajudando, aconselhando, e torcendo por mim,

Ao meu querido amigo Atilio Catosso Salles, por sempre ter me apoiado e por não ter mediu esforços para me ajudar desde o início do curso até o encerramento deste,

A meu amigo Robertt Fernandes, por ter me incentivado nesses últimos dias de escrita do TCC e pelo carinho, amor, paciência que teve comigo,

À minha maior incentivadora Rosângela Cuba, que sempre me ajudou com seus conselhos sábios, para que esse sonho se realizasse,

À minha orientadora Prof^a. Ms. Carmem Zirr Artuzo, que muito contribuiu para a realização deste belo trabalho, sempre acreditando em mim e no que eu produzia,

Aos componentes da banca: Prof^a. Rita de Cássia S. Penteado e Perla Haydee, que aceitaram ser a minha banca de defesa, que colaboraram para a conclusão deste trabalho,

Enfim, aos amigos, colega, familiares, e a todos àqueles que colaboraram direta ou indiretamente para que este trabalho acontecesse. Àqueles que acreditam em mim, muito obrigada!

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. (PAULO FREIRE)

RESUMO

O presente trabalho faz uma reflexão sobre a relevância de aprender e ensinar a língua inglesa, utilizando as tecnologias como aliadas no processo de ensino aprendizagem presencial ou à distância. Discute acerca de como trabalhar em ambientes virtuais de uma forma positiva na formação intelectual dos alunos, afinal a informação é para todos, não é estática e está acessível em vários lugares (*open learning*) e pode ser alcançada de forma gratuita por meio dos (*hiperlinks*). Para tanto, analisamos o que a instituição pública pode fazer para trabalhar essas questões de ensino de LI de uma forma que esse ensino não fique defasado. Será que a escola falha em relação ao ensino desta língua? Diante disso, iremos apresentar uma maneira diferenciada de se trabalhar a LI nas salas de aula para contribuir no aprendizado do aluno, a proposta de ensino com foco na Abordagem do Inglês Instrumental, por meio do uso das estratégias de leitura. O estudo ainda mostra que o ensino de uma LE pode contribuir para o sistema educacional como um todo, uma vez que, possibilita ao aluno nova experiência de vida, novas aprendizagens, como também, sua capacidade de relacionar-se com o mundo aumentando assim sua autopercepção como ser humano e cidadão.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia; Ensino a distância; Língua Inglesa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I: 1.Um breve histórico sobre a educação à distância e o que a incitou	11
1.1. A tecnologia e o desenvolvimento da humanidade.....	13
1.2. Escola: educação x tecnologia.....	14
1.3. Educação: a escola como um local de qualificação para o mercado de trabalho e crescimento pessoal.....	17
CAPÍTULO II: 1.Como pensar ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras diante das TICs nas escolas?	23
1.1. As TICs disponíveis para o ensino de língua inglesa.....	26
2. A importância de estudar a língua inglesa nas escolas e as abordagens discursivas e do inglês instrumental.....	28
3. Teoria e prática no ensino de língua inglesa.....	34
CAPÍTULO III	
Metodologia.....	38
CAPÍTULO IV: Análise: discussão e interpretação	
1. Tecnologia: afinal por que é tão importante?	39
2. Pontos positivos: TICs no tocante a língua estrangeira?	41
3. Afinal, por que estudar inglês nas escolas usando as estratégias de ensino do inglês instrumental?	42
Considerações finais	44
Referências bibliográficas	46

INTRODUÇÃO

Num primeiro momento, fazemos questão de ressaltar que optamos nesta monografia por trabalhar com a Língua Inglesa (LI) que vem nos cativando desde o Estágio Curricular Supervisionado II, quando observamos que estudar uma língua estrangeira (LE) é tão importante quanto estudar a língua materna, haja vista que, a LI pode nos proporcionar um desenvolvimento cultural, intelectual e pessoal e faz nos sentir mais envolvidos com o mundo que nos cerca, sendo ela a língua mais falada.

Estudaremos questões pertinentes aos novos espaços de atuação do educador com as tecnologias (TICs), sejam elas presenciais ou à distância. É a partir desse ponto que destacaremos a relevância de aprender e ensinar a lidar com os diversos ambientes tecnológicos mais chamados como os “ambientes virtuais de aprendizagem”. Pensando nisso, buscaremos também responder questões como: O que são tecnologias e por que elas são tão essenciais para o ser humano? Até onde as tecnologias afetam a nossa maneira de viver? A partir desse cenário, como pensar o ensino aprendizagem de LE? O que as escolas públicas podem fazer para trabalhar com a LI de forma que o ensino não fique defasado?

Quando falamos de ensino de línguas dentro e fora do ambiente escolar, reforço à ideia de que isso deveria ser possível a todos, de modo que contemplasse não apenas soluções para entender as atuais necessidades materiais do ser humano, mas que contribuísse para a emancipação humana como um dos requisitos para o exercício da cidadania.

Segundo Eva Pereira e Raquel de Almeida Moraes, no seu texto “Histórias da educação a distância e os desafios na formação de professores no Brasil” (2009, p.21), (...) *a educação a distância rompe com a relação espaço/tempo, que tem caracterizado a escola convencional, e se concretiza por intermédio da comunicação mediada, por meio da mídia*. Logo, é um dos pontos que diferencia a escola tradicional, onde a aprendizagem muda completamente sendo uma mediação feita através do professor em contato direto com seus alunos.

Dividimos nossa pesquisa em quatro capítulos, o primeiro deles, “Um breve histórico sobre a educação à distância e o que a incitou”, trata da importância do ensino a distância utilizando as TICs no processo de ensino aprendizagem. Discutimos também, sobre como as tecnologias são positivas para o crescimento da humanidade

colocando a escola como *lócus* desse desenvolvimento. E por fim, ainda no primeiro capítulo tratamos sobre “a escola como um local de qualificação para o mercado de trabalho e crescimento pessoal”.

No segundo capítulo, “Como pensar ensino aprendizagem de LE diante das TICs nas escolas”? Buscamos tratar questões pertinentes ao processo de ensino aprendizagem da língua alvo através das TICs, que podem colaborar para um ensino de qualidade nas escolas de hoje. Nessa discussão, nos apoiamos nas teorias de VYGOTSKI (2008), que refletem sobre a aprendizagem colaborativa do ensino de línguas. Buscamos também apontar as TICs que estão disponíveis para o ensino de LI como, por exemplo: educação à distância; *E- Learning*; *M- Learning*; *TelEduc*; *O Second Life* e por fim, Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Ainda no segundo capítulo, falamos da importância de estudar a LI nas escolas através do Inglês Instrumental e como usar a teoria e prática no ensino de LI.

No terceiro capítulo falamos sobre a metodologia utilizada para o desenvolvimento do nosso trabalho. E por fim, partimos para o nosso último capítulo, análise: Discussão e interpretação das informações “Tecnologia: afinal por que são tão importantes?”; “Pontos positivos: TICs no tocante a LE”? E “Afinal: por que estudar inglês nas escolas usando a abordagem do Inglês Instrumental?”.

CAPÍTULO I

1. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E O QUE A INCITOU

Quando falamos de educação a distância é inadmissível não fazermos um breve histórico sobre quando e como ela teve início em nosso país. Há quem questione alguns pontos relevantes a esse tema, visto que, uma das principais ideias postas na mente humana é que a educação só pode acontecer com o professor e seus respectivos alunos em sala de aula, ou seja, somente uma aula ministrada entre quatro paredes é válida e, na maioria das vezes, se exclui a modalidade do ensino a distância.

Até meados do século XX, a educação era desenvolvida apenas no âmbito escolar, ou seja, restritamente nas salas de aula, como havia dito anteriormente. Os alunos tinham que se deslocar até os lugares em que as aulas eram ministradas. Mas também, não podemos esquecer que nesse mesmo momento havia algumas formas paralelas de educação, como por exemplo, o ensino médio supletivo, e o ensino técnico e profissionalizante. Porém, não vamos nos deter a esse detalhe, o que nos cabe nesse instante é falar exatamente que eram raros os cursos à distância.

A autora Kenski (2008) retrata que os alunos nessa época tinham que se deslocar de casa ou até mesmo dos seus trabalhos para andar duramente horas para chegar à escola, muitas vezes, atravessam a cidade. Na entrada da escola havia pessoas para assinar a caderneta que cada aluno portava, dizendo a hora que tinha chegado. Ao entrar na sala de aula, o professor fazia a tão famosa “chamada” nome por nome, com a média de uns 50 alunos por classe. Isso quando não tinha os avisos da secretaria escolar, que acabavam atrasando muito o período das aulas. Nessa época, nem se falava de educação à distância, mas essa concepção começou a mudar a partir do século XX, até esse momento a educação era desenvolvida apenas no âmbito escolar presencial.

Diante disso, outro tipo de se fazer educação nessa época era a distância por meio de correspondências pelas instituições privadas, bem como com a iniciativa do próprio governo, que oferecia cursos nas áreas técnicas, sem mesmo exigir escolarização anterior, usando a mídia. Foi nesse período que as instituições, sobretudo as universidades, começaram a se interessar pelo ensino a distância devido ao surgimento das capacidades de integração oferecidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), que começava a se espalhar não apenas no Brasil,

mas por todo o mundo. Em 1994, a internet que ainda não era tão conhecida na sociedade vigente, começou a se espalhar nas universidades, deixando de ser utilizada apenas pelas pessoas influentes. Foi nesse instante que os políticos começaram a perceber que a internet traria um grande avanço para a humanidade. Em 1996, o governo implantou oficialmente a educação a distância, dando novos rumos para o crescimento do país, como citado abaixo, por Vani Moreira Kenski:

A maior parte das instituições, sobretudo de ensino superior, começou a se interessar pela educação à distância, depois do surgimento das capacidades de integração oferecidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Em 1994, começou a expansão da internet nas universidades e, logo após, a abertura do uso para os interessados. Em 1996, uma nova lei com as diretrizes gerais da educação (9.394/96) incorporou pela primeira vez a modalidade “a distância” como espaço oficial para se fazer educação no Brasil. (KENSKI 2008, p.75).

Com o avanço da internet o país obteve grande êxito não apenas na educação propriamente dita, mas também em todas as áreas, como por exemplo, nas grandes indústrias, na saúde e na própria política do país. Não podemos nos esquecer de que a internet faz parte de um avanço tecnológico que já vem de muitos anos atrás, como diria KENSKI (2008, p.15), *as tecnologias são tão antigas quanto à espécie humana*.

Desde o início da humanidade já se podia perceber a evolução entre as raças, nesse momento os animais propriamente ditos, conseguiam garantir um meio de sobreviver mesmo sem o auxílio do homem, pois nesse momento o “homem” era considerado frágil fisicamente diante das manifestações da natureza. Mas, ao decorrer dos tempos as coisas foram se transformando e “aquele” homem que parecia ser tão frágil, começou a evoluir em seus pensamentos e viu que poderia melhorar o seu modo de viver, aliás, não só o seu modo de viver, mas melhorar o seu ambiente, o seu mundo. Os primitivos deixavam de lado os machados de madeira e pedras, começaram a usar machados de ferro e setas de metal, de canoas passaram a usar grandes navios e também o adestramento de animais para as guerras. Com isso, o homem nunca deixou de evoluir e buscar se entrosar com as inovações e tecnologias vigentes e sempre esteve em busca de aumentar suas riquezas.

Ao passar dos anos o homem foi se tornando cada vez mais ambicioso, sempre querendo se superar e também superar o outro com o avanço da informação e tecnologias. Segundo nos escreve KENSKI (2008, p.16), a guerra fria iniciada logo

após a segunda guerra mundial, que durante quase 50 anos dividiu o mundo em dois grandes blocos de poder e impulsionou a ciência e a tecnologia de forma nunca vista pela humanidade. Como a própria autora nos relata, a tecnologia também serve para fazer guerra.

Muitos equipamentos, serviços e processos foram descobertos durante a tensão que existiu entre os Estados Unidos e a União Soviética pela ameaça, de ambos os lados, de ações bélicas, sobretudo com o uso da bomba atômica. A corrida espacial, resultante do avanço científico proporcionando por essa tensão, trouxe inúmeras inovações: o isopor, o forno de microondas, o relógio digital e o computador (KENSKI2008, p.16).

O avanço das TICs para a humanidade foi se tornando cada vez mais individualista devido à grande hierarquia entre os países. Há países que se destacam mais, esses são chamados de “países desenvolvidos”, já os mais inferiores são chamados de “países subdesenvolvidos” e, nem sempre, são lembrados quando se tratam de avanços tecnológicos. Exemplos pertinentes de países ricos que desenvolvem muito em relação às TICs são os Estados Unidos, China e Japão. Para LYOTARD (1988 e 1993) um grande filósofo francês, o grande desafio da espécie humana na atualidade é a tecnologia, já que temos que acompanhar esses avanços e tentar uma adaptação que seja favorável ao nosso próprio cotidiano, tornando a tecnologia uma aliada para o processo de educação no país, colaborando assim, com o seu próprio desenvolvimento.

1.1 A tecnologia e o desenvolvimento da humanidade

O século XX teve um crescimento absurdo, a sociedade crescia a cada nova descoberta tecnológica. Foram desenvolvidos vários empregos e com isso novas profissões. Ao compararmos nossa vida de hoje com alguns anos atrás, observaremos que há uma discrepância em relação ao modo de viver, haja vista, foi ao decorrer do século que a vida do homem foi crescendo e modernizando, tomando rumos que ficamos pasmos ao lembrar. Existem diversos exemplos de como o desenvolvimento social em massa foi aumentando ao passar dos anos. Por exemplo, Na área de transportes, ocorreu o surgimento de automóveis, metrô, ônibus, avião. E claro, não podemos deixar de falar sobre os meios de comunicações que foram essenciais para o crescimento de praticamente todas as outras tecnologias.

Todas as experiências são válidas; as que fracassam as que dão certo, as que degeneram e as que regeneram, “à medida que somos capazes de registrá-las, dessa forma, em ensinamentos para avançar cada vez mais”. (SINGER, 2001, p.44)

Com tanto desenvolvimento das TICs, há uma preocupação muito grande dos estudiosos das relações humanas a respeito do individualismo que vem se criando na sociedade. Hoje se preocupa mais com o bem estar próprio do que o bem estar do outro. *As pessoas querem mais “qualidade de vida” do que “qualidade total”!* (VALLIN, 2003, p.112). Diante disso, devemos nos preocupar com a escola, para que esse crescimento venha a ser positivo e não negativo. É por isso que a educação deve ser priorizada em relação à estrutura e à criação de novas abordagens de ensino para que a sociedade consiga lidar com essa situação de uma forma mais coerente.

No livro “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire (1970), o autor discorre sobre a nova escola que pode ser um caminho para o desenvolvimento da sociedade. Fazer uma escola mais justa, onde cada pessoa seja aceita e respeitada, onde se aprenda a conviver cooperando e não competindo, aonde as pessoas não sejam um elo do sistema, mas sejam vistas com respeito, formando uma nova sociedade.

No artigo *O Desenvolvimento humano e a Internet* (VALLIN (2003, p.113) discute também sobre o crescimento individual. Ele relata que não se pode terminar uma graduação e pensar que já é suficiente aquela formação, pois não devemos nos estabilizar no tempo é preciso continuar aprendendo, porque a sociedade atual cresce, se desenvolve a cada dia mais. Hoje existe uma convergência entre o novo e o velho e a sociedade é hierarquizada, tem quem faz e tem também quem manda, sempre vai ter alguém para ditar as regras. É nesse momento que devemos ficar atentos a que tipo de regras estamos seguindo, trarão benefícios? Serão prejudiciais para o nosso próprio desenvolvimento pessoal. Deixamos o questionamento para reflexão.

1.2. Escola: Educação x tecnologia

Quando nós falamos de tecnologia é impossível não nos remetemos à educação, haja vista, que é uma forma de relações de poderes. Hoje uma criança já é inserida na pré-escola na intenção de fazer com que ela se envolva com o mundo através do trabalho árduo do seu mestre/professor. A escola, desde sempre, é representada na sociedade como o espaço da formação, não apenas de crianças, mas também de jovens e

adultos que querem se sobressair na vida pessoal, familiar e profissional. Vejamos uma citação de KENSKI (2008, p. 19):

[...] a definição dos currículos dos cursos em todos os níveis e modalidades de ensino é uma forma de poder em relação à informação e aos conhecimentos válidos para que uma pessoa possa exercer função ativa na sociedade. Por sua vez, na ação do professor na sala de aula e no uso que ele faz dos suportes tecnológicos que se encontram a sua disposição e ser ensinado, o poder do professor e a forma de exploração das tecnologias disponíveis para garantir melhor aprendizagem pelos alunos.

Neste contexto, o professor é o mediador do conhecimento, cabe a ele direcionar os seus alunos ao bom uso das tecnologias vigentes nas escolas para que possam se tornar autônomos na construção do próprio conhecimento. Para que isso aconteça, é importante que o próprio professor seja pesquisador, criativo, responsável e dinâmico, que seja capaz de interagir e inteirar com as novas tecnologias que estão à disposição da sociedade, para o uso adequado e consciente dela. Mas, nem sempre vemos isso acontecer nas escolas, devido à falta de interesse da maioria dos profissionais a se adequar a esses avanços tecnológicos, ou ainda por não existir esses recursos disponíveis.

É relevante lembrarmos que o governo Estadual e Federal oferecem cursos preparatórios para os profissionais da educação, utilizarem a tecnologia na sua prática pedagógica. Os CEFAPROS oferecem cursos básicos para iniciantes, ou seja, aqueles professores que não tem muita destreza para lidar com as ferramentas tecnológicas digitais. O governo Federal tem um projeto chamado ProInfo (Programa Nacional de Tecnologia Educacional). Esse é um programa educacional criado pela Portaria nº 522/MEC, de 9 de abril de 1997, para promover o uso das TICs na rede pública de ensino fundamental e médio, para profissionais da educação.

Nem sempre esses cursos são abertos para todos os profissionais, mesmo assim, muitas vezes ainda sobram vagas. Essa é uma triste realidade que assola o país, profissionais desmotivados com a falta de condições de trabalho ou até mesmo com baixos salários. Muitos desses professores vivem em condições precárias, não tendo estímulo, até mesmo, de entrar numa sala de aula por falta de incentivo ou talvez por estar doente psicologicamente ou fisicamente. É uma situação complicada, quando o governo disponibiliza equipamentos tecnológicos para as escolas, o professor

geralmente não possui preparo técnico e formação para lidar com a tecnologia em benefício do processo de ensino aprendizagem, se encontra desestimulado e nem se quer consegue aprender a lidar com esses aparelhos e incorporar as TICs na sua prática de ensino, deixando de preparar uma aula que poderia ser mais produtiva para seus alunos.

É relevante falarmos que em relação ao uso das TICs é importante que o professor fique atento ao modo como vai utilizar esses aparelhos tecnológicos, pois nem sempre é suficiente que o professor domine a tecnologia e a utilize em favor da aprendizagem de línguas, mas ele necessita fundamentar sua prática de ensino em abordagens teóricas metodológicas que propiciem melhores resultados nesse processo de construção do conhecimento na língua alvo.

Em nossa experiência na Regência de Estágio Curricular Supervisionado do Ensino Médio 2012/2, notamos que o material oferecido pelo governo federal é de boa qualidade, porém, ao falarmos com o professor titular de cada área e até mesmo nas falas de alguns dos alunos, percebemos que esse material não é trabalhado e explorado da forma que poderia ser feito. Isso provoca certa revolta nos alunos, eles ficam saturados com a falta de criatividade e interatividade nas aulas.

Além de pensar na melhor abordagem de ensino, é interessante ressaltar que a utilização da tecnologia pode ser uma aliada para um bom desempenho de uma aula, mas para que isso aconteça é importante que a prática pedagógica seja pautada na utilização de teorias que venham a contribuir no trabalho do professor. É através da tecnologia que o mundo evoluiu e continua evoluindo em todos os sentidos. Vejamos a citação a seguir:

Na atualidade, o surgimento de um novo tipo de sociedade tecnológica é determinado principalmente pelos avanços das tecnologias digitais de comunicação e informação e pelas microeletrônicas. Essas novas tecnologias, assim consideradas em relação as tecnologias anteriores existentes, quando disseminadas socialmente, alteram as qualificações profissionais e a maneira como as pessoas vivem cotidianamente, trabalham, informam-se e se comunicam com outras pessoas e com todo o mundo (KENSKI 2008, p.22).

Diante disso, sabemos que é de suma importância que a escola siga os avanços da tecnologia na sociedade globalizada. Não se pode fazer uma educação de qualidade sem ficarmos atentos às mudanças que cercam o mundo. *Pois essas tecnologias têm o potencial de mudar a prática pedagógica e, portanto, têm desafiado o professor no*

sentido de saber como integrar esses recursos em suas atividades de sala de aula, essa etapa faz parte da formação do professor (VALLIN, 2003, p.13).

É preciso que o professor e a escola fiquem atentos aos novos rumos que a educação está tomando, é imprescindível o uso das tecnologias para o crescimento de uma sociedade autônoma que seja capaz de usufruir de equipamentos para o seu próprio bem estar. Como por exemplo, o uso do computador, internet, DVD, Datashow, televisão, dentre outros. O interessante é que quando falamos de tecnologias não estamos falando apenas do uso de aparelhos tecnológicos, mas também o que esses aparelhos podem produzir para melhoria da nossa vida. Por exemplo, o avanço científico da humanidade cresce continuamente, nem sempre de forma tão positiva, mas na maioria das vezes esse crescimento é bem positivo.

A economia, a política e a divisão social do trabalho refletem os usos que homens fazem das tecnologias que estão na base do sistema produtivo em diferentes épocas. O homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhes são contemporâneas. Elas transformam sua maneira de pensar, sentir, agir (VALLIN, 2003, p.21).

Os usos das TICs trouxeram muitos benefícios à vida do homem, de maneira que é através dos avanços tecnológicos que a humanidade foi crescendo ao decorrer dos séculos, transformando a sociedade de uma forma bem ostensiva.

1.3 Educação: a escola como um local de qualificação para o mercado de trabalho eo crescimento pessoal

A educação é algo que deveria ser visto como prioridade, não apenas por uma parte da sociedade, mas também por todos que constituem o nosso país. E principalmente, para as pessoas que tem o poder nas mãos para regerem as leis que serão usadas por todos nós. Para tanto, citamos a seguir o artigo 2º das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96-), por ser a lei que rege a educação no Brasil:

Art. 2º- A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Diante disso, podemos observar que a educação seria o meio mais provável de atingir sucesso na vida pessoal e profissional, até mesmo a qualquer posição, seja ela financeira, intelectual ou familiar. A educação deveria nos nortear a uma vida melhor na convivência humana. Neste sentido, ter a educação como algo que atenda às nossas necessidades sociais seria a descoberta para trilharmos um novo caminho rumo a um futuro mais promissor.

Ainda nesta dimensão, a educação é dever não apenas da família, como também do Estado. Quando pensamos em família, logo nos remetemos a ela como a precursora para se ter um bom desempenho educacional. É de grande importância que esta participe sendo um apoio, um alicerce para a criança desde o início de sua escolarização. Cabe ao Estado oferecer meios de se construir o restante desde alicerce até que a criança consiga caminhar com seus próprios pés e possa se posicionar como cidadão com direitos e deveres cumpridos, preparado para o exercício de cidadania e com uma qualificação para o mercado de trabalho.

Pensar a escola do passado é lembrar que sem dúvidas havia uma diferença gritante em relação à valorização de se estar na escola, é claro que havia muitas crianças que por condições financeiras não podiam estar, mesmo assim, elas tinham uma base familiar muito bem estruturada na sua própria casa. É neste ponto que não podemos perder de vista a ideia posta acima de que a família é a precursora para que a criança tenha uma educação de qualidade. É nesta família que a criança recebe os primeiros ensinamentos de como se portar diante de várias situações que enfrentará ao longo de sua vida.

Pensamos que para uma boa educação faz-se necessário repensarmos a escola de hoje em face à escola do passado, de modo que, esta permite a entendermos e compreendermos que a nossa realidade escolar precisa mudar. Com isto, cabe a escola garantir melhores condições de aprendizagem para que os alunos sejam sujeitos capazes de criticar e refletir sobre diversas situações postas na sociedade tornando assim, dono do seu dizer. Dentro desta perspectiva, para que a educação trilhe novos caminhos faz-se necessário pensarmos sobre a grande relevância dos educadores que norteiam as redes de ensino. Para isso, a escola tem que trabalhar em conjunto e não no individualismo, capacitar seus professores para que estes consigam manter uma educação de qualidade. A escola deve buscar educadores competentes nas suas ações, que esteja sempre mudando sua prática de ensino para o benefício de uma educação que venha trazer

resultados mais positivos na educação. (GADOTTI, 2000).

A partir destas constatações, sabemos que educar não é uma tarefa tão fácil, requer do educador muita competência e alguns cuidados prévios antes de entrar numa sala de aula são neste instante que o educador vai se deparar com situações diversas, já que a sala de aula possui alunos com diferentes personalidades. Para tanto, lidar com a complexidade ideológica dos alunos é necessário muita atenção. Quando falamos de alguns cuidados prévios, estamos nos referindo sobre as dificuldades que esse educador irá encontrar ao entrar numa sala de aula, como por exemplo, será que ele vai saber lidar com as diferenças econômicas, político social? Para que isso aconteça este educador terá que se posicionar frente às diversidades da contemporaneidade, ou seja, lidar com a sociedade globalizada.

No tocante a esse ponto, surge uma pergunta que muito nos inquieta, será que os nossos educadores se vêm inseridos nessas mudanças? Esta é uma questão a ser pensada com muito cuidado, porque a escola hoje está passando por uma crise em relação à socialização, tendo enfrentado grandes dificuldades na construção de normas e valores a serem seguidos. Para entendermos melhor esta questão, vejamos adiante o que WAUTIER (2003, p.175) diz:

[...] a sociedade, no mundo inteiro, parece ter perdido a bússola e as instituições tradicionais parecem ser mais capazes de enquadrar novas demandas que traduzem uma ânsia de reconhecimento e de respeito de sua especificidade, seja na Igreja, na família, na escola, nos partidos políticos, nas organizações de produção.

Esse ponto nos remete à ideia de que para se chegar a um conhecimento mais profundo e tratar o ensino como algo mais produtivo o professor deve se preparar para lidar com as dificuldades no âmbito escolar, buscar artifícios para colaborar com o aprendizado dos alunos. É nesse momento que o professor terá um contato maior com seus alunos para desempenhar seu trabalho, pois é de suma importância a interação entre professor/aluno. A interação e boa relação seriam mais um quesito para melhoria na qualidade do processo de ensino aprendizagem de línguas. A necessidade de uma boa relação entre professor/aluno é extremamente importante, o exímio professor é aquele que domina o seu conteúdo e sabe conduzir a sua sala de aula e não apenas oferece uma boa aula, mas também faz uma alta avaliação em sua jornada de trabalho, abrindo caminhos possíveis para uma melhoria na educação, priorizando a construção dos seus saberes. Sobre esse assunto, Paulo Freire assinala (1996, p.59):

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. (FREIRE, 1996, p.59)

De acordo com o pensamento de Paulo Freire, para que o educador tenha um bom contato com seus alunos deve manter sempre um diálogo, para que ambos possam chegar à construção do conhecimento de maneira mais significativa. Professor e aluno precisam estar em contato um com o outro para se conhecerem melhor, compartilhar experiência já vivida, descobrindo que o melhor caminho vai ser sempre a relação de humanização, porque todo ser humano está sempre em processo de aprendizado e se apropria de todos os conhecimentos, desde os mais simples para os mais complexos, através da sua interação com o outro, tornando-se assim um cidadão mais crítico e reflexivo.

Quando falamos de mercado de trabalho, logo pensamos no futuro que pode ser promissor na vida do ser humano. A educação informatizada é primordial para esse crescimento global, mas cada pessoa tem o seu modo de viver e crescer em meio a tanta globalização, ou seja, o avanço tecnológico é visto não apenas de uma forma global, mas também de uma forma individual. Os jovens de hoje estão cada vez mais informatizados, o que altera o seu modo de viver e agir em sociedade. Esse “novo” modo de vida influencia o futuro das escolas e da educação em geral. Será necessário cada vez mais ampliar ações e políticas efetivas, que direcionem para a inclusão digital de todos os cidadãos.

A escola hoje é uma fonte precisa para a formação de futuros profissionais e cidadãos que irão influenciar as próximas gerações. (...) *a escola em todos os seus níveis e formas- o espaço privilegiado e propício para desencadear a ação e a fluência digital.* (KENSKI, 2008, p.116). A autora também relata sobre o futuro da educação em jogos, ela diz que as competências e habilidades dos alunos estão mudando a cada dia, alunos esses, que estão aumentando a sua autopercepção de ver o mundo de forma mais ampla.

Os jovens e adolescentes que não possuem computador e internet procuram as famosas *Lan Houses* (espaços comerciais em que se disponibilizam computadores e redes para acesso dos usuários) para interagir por meio da internet, utilizando *e-mails, facebook, whatsapp, instagram, twitter, blogs, chats, linkedin, evernote*, jogos virtuais,

pesquisas diversas, cursos específicos de Língua Inglesa e Portuguesa, dentre outros. Com isso, observamos que o ser humano vai longe em busca de informação e tecnologia. Os ambientes digitais de aprendizagem estão se espalhando para além dos computadores normais, sendo substituídos por computadores mais potentes e menores, são chamados de “computadores portáteis”, *palms*, agenda eletrônica e telefones celulares de última geração.

(...) É claro que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo. Na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas. (...) (CASTELLS, 1999, p. 25)

Essa ideia só nos reforça que a sociedade está em constantes mudanças e descobertas, refletindo num desenvolvimento social coletivo e individual. A escola tem que estar preparada para receber alunos com diversas personalidades e saber formá-los para o crescimento pessoal e também para o mercado de trabalho em que o domínio da tecnologia é fundamental. Mesmo se tratando de uma tarefa árdua, mas que traz uma satisfação relevante para os educadores que nela se empenham.

A sala de aula é o espaço para pensarmos em aprendizagem, logo nos lembramos da relação do professor e aluno e na realização de atividades educacionais em geral. Segundo KENSKI (2003), é preciso que os alunos ganhem autonomia e sejam responsáveis pela própria aprendizagem para desenvolver e administrar conteúdo do seu próprio interesse independentemente do horário e local em que estejam.

Segundo José Manoel Moran, em seu artigo “Os novos espaços de atuação do educador com as tecnologias” (2004), é preciso que se abram novos campos na educação online, através da internet na educação à distância e também para as salas de aula, tanto na parte tecnológica quanto na parte pedagógica. Se antes, o professor se limitava ao espaço da sala de aula, atualmente, esse mesmo professor pode aprender a gerenciar atividades à distância criando um vínculo de relação bem maior com seus alunos. A partir destas reflexões, concluímos que há várias possibilidades para trilharmos um caminho que pode nos levar a uma educação escolar de melhor qualidade. Se a escola de ontem priorizava a educação como sendo de extrema importância, tendo como valor essencial a educação intelectual de cada aluno e tendo

como base a família, hoje o que mudou talvez seja a forma como a família lida com essa questão, não estando tão presente na vida dos seus filhos como principais coadjuvantes desse processo de aprendizado dos mesmos. E é claro que não podemos deixar de ressaltar que uma boa educação se faz através de pessoas comprometidas com o seu trabalho, profissionais que verdadeiramente amam estar no âmbito escolar.

Portanto, pensar a educação como algo que nos move para um futuro melhor, sempre vai ser o ponto de partida sem que tenha um ponto de chegada, ou seja, sem uma base educacional que trabalhe com as tecnologias digitais não é possível acompanhar as formas de comunicação e negociação realizadas na sociedade.

CAPÍTULO II

1- COMO PENSAR ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS DIANTE DAS TICS NAS ESCOLAS?

É inegável que as TICs podem colaborar para melhorar o processo de ensino aprendizagem de LI na escola. Para discutirmos a esse respeito, nos apoiamos nas teorias de VYGOSTSKI (2008), que refletem sobre a aprendizagem colaborativa. Kellyda Martins de Carvalho, no seu artigo “Desenvolvimento da aprendizagem de língua inglesa (LI) por meio da interação das tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino aprendizagem” (2012, p.01) relata que:

(...)a visão Vygotskiana da aprendizagem colaborativa que é um recurso na área de educação, o qual consiste em estabelecer um procedimento em que o aluno, em conjunto com o professor, estabeleça compreensão e interpretação de informações de assuntos determinados, como a internet através da informática para se alcançar a aprendizagem colaborativa. A aprendizagem colaborativa surge da necessidade de inserir metodologias interativas na educação. Para facilitar e expandir o conhecimento, fazendo com que cada professor ou aluno possa aprender com o mesmo.

A aprendizagem colaborativa está ligada a membros de uma comunidade na intenção de uni-los para que possam ter uma interação entre seus conhecimentos, pois o ensino não é estático, integrado apenas ao professor/aluno, mas também, em todos aqueles que venham colaborar para que esse ensino se multiplique, como por exemplo, o uso das mídias, comunidades virtuais e outros.

No Brasil, as TICs estão cada vez assumindo um espaço maior quando se fala de ensino de LE, tornando-se uma tendência. Sabemos que o ensino da LE contribui para formação pessoal e profissional do aluno, bem como pode melhorar sua capacidade de se relacionar com o mundo e ser um cidadão mais autônomo, capaz de construir seu próprio saber. Compreendemos que as TICs afetam a nossa maneira de viver, de trabalhar, de aprender, de nos comunicar, de sistematizar conhecimentos e todas as atividades relacionadas com a educação e a formação. Diante disso, a informação não é estática, está acessível em múltiplos lugares (*open learning*) e pode ser obtida de forma gratuita por meio de enlaces virtuais (*hiperlinks*); a informação está organizada em várias linguagens de comunicação e de múltiplas formas: escritas, sonoras, audiovisual e multimidiática. Moran (2007) afirma que [...] com o advento da internet, das redes de

comunicação em tempo real, da TV digital e do celular, surgem novas possibilidades no processo de ensino e a aprendizagem, que transformam e ampliam a prática pedagógica.

Quando falamos de ensino aprendizagem de línguas, reforço à ideia de que isso deveria ser possível a todos, de modo que contemplasse não apenas soluções para entender as atuais necessidades materiais do ser humano, mas que contribuísse para a emancipação humana como um dos requisitos para o exercício da cidadania.

Segundo Pereira e Moraes, no seu texto “Histórias da educação a distância e os desafios na formação de professores no Brasil” (2009, p.21), (...) *a educação a distância rompe com a relação espaço/tempo, que tem caracterizado a escola convencional, e se concretiza por intermédio da comunicação mediada, por meio da mídia*. Logo, é um dos pontos que diferencia a escola tradicional, onde a aprendizagem muda completamente, sendo uma mediação feita através do professor em contato direto com seus alunos.

A educação tem um papel relevante na chamada “sociedade tecnológica”, pois é através do acesso a informação que podemos nos constituir como seres humanos pensantes e participantes, responsáveis pelo desenvolvimento. No que diz respeito à importância do ensino de LE, citamos os PCNs (1998, p. 19), que ressaltam:

A aprendizagem de uma língua estrangeira deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso. Isso pode ser viabilizado em sala de aula por meio de atividades pedagógicas centradas na constituição de aluno como ser discursivo, ou seja, sua construção como sujeito do discurso via língua estrangeira. Essa construção passa pelo envolvimento do aluno com os processos sociais de criar significados por intermédio da utilização de uma língua estrangeira.

O ensino de LI pode possibilitar ao aprendiz um desenvolvimento intelectual, dando a esse aluno a possibilidade de lidar com vários discursos durante sua vida. Para que isso aconteça, é importante que o professor trabalhe com os diversos gêneros textuais/ discursivos, para que o aluno possa desenvolver domínio na prática discursiva. O professor tem que motivar e despertar o interesse desses alunos por encontrar gêneros discursivos que venham ao encontro das necessidades de comunicação e satisfaçam o interesse dos alunos.

É interessante incluir os diversos gêneros que temos na internet que podem colaborar para a necessidade do aprendiz de lidar com a linguagem que circula na sua vida, como por exemplo: blogs, redes sociais, jogos interativos, páginas de conversão, dentre vários outros. Essa possibilidade de interação e contato com esses gêneros digitais podem contribuir para o desenvolvimento a nível discursivo do aprendiz de LE.

É de suma importância nos atentar para a aprendizagem de LI nos nossos dias, pois há uma procura relativamente grande no mercado de trabalho por pessoas que falam a língua. Porém, se o professor se apropriar das TICs, dos recursos da internet, sem possibilitar um contexto interativo para seus alunos utilizarem a língua e não se basear em metodologias eficazes em sala de aula, provavelmente os alunos não alcançarão êxito na aprendizagem da língua alvo. Não basta fazer uso das TICs e simplesmente se fechar em métodos tradicionais de ensino da gramática e tradução de textos, mas também, fazer uma relação entre a teoria e a prática usando esses recursos. Usar as TICs a favor do processo de ensino aprendizagem é uma forma de acreditar que pode sim se ensinar e aprender outra língua, de forma, mais significativa e motivante, por meio dos recursos tecnológicos oferecidos pela Internet. Com o uso das TICs, a educação passa a ser diferente mais interessante e motivadora.

Então, informática para a educação passa a ser uma ferramenta essencial nas escolas. Essas ferramentas exigem um esforço bem ostensivo dos professores que pretendem se apropriar dela para auxiliar no processo de ensino aprendizagem de LE. O professor ainda tem que considerar os diversos estilos de aprendizagem do aluno, bem como as estratégias de aprendizagem, buscando contemplar as diversas possibilidades que venham colaborar para a aprendizagem. Como propõe Paulo Freire em seu texto “Educação e Mudanças” (1979):

A educação não se reduz à técnica, mas não se faz educação sem ela, utilizar computadores na educação, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Depende de quem o usa, a favor de que e de quem, e para quê. O homem concreto deve se instrumentalizar com os recursos da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e de sua libertação (FREIRE, 1979, p. 22).

É diante dessa afirmação que voltamos a falar sobre o quanto é importante o uso dessas tecnologias para o crescimento pessoal e intelectual do ser humano. É quase impossível imaginar a vida de jovens e adolescentes sem o uso desses adventos, exceto é claro, aquelas pessoas que ainda não tem muito contado com essa tecnologia informatizada, por viverem em lugares distantes, como por exemplo, no setor rural. Mesmo assim, é muito difícil encontrarmos pessoas que ainda não tiveram acesso a essa informatização, mesmo que não saibam manusear, pelo menos já ouviram falar.

Como já dito anteriormente, com o advento da internet o ensino de línguas está se expandindo na nossa sociedade. Hoje, se uma pessoa não quiser sair da sua casa para estudar uma LE, com a disponibilização dos cursos online e sites de conversação como, por exemplo, aprendizagem de línguas em *Tandem* (que tem a função de propiciar a interação de pessoas que falam diferentes línguas), pode aprender uma LE no conforto do seu lar.

Portanto, a internet pode propiciar um ensino colaborativo, promovendo o desenvolvimento da aprendizagem mais interativo. Para realizar um trabalho mais significativo e motivador, é indispensável que o professor utilize as TICs simultaneamente a uma prática pedagógica fundamentada na abordagem discursiva de ensino de línguas.

1.1 - As TICs disponíveis para o ensino de Língua Inglesa

O mundo está cercado por tecnologia, todos vivem atualmente rodeados pelo advento tecnológico. É interessante pensarmos que até mesmo nas relações sociais, que estão totalmente influenciadas. As pessoas podem conversar com outras de diferentes lugares do mundo, sem mesmo nunca terem se visto, através de sites de relacionamento. A escola precisa acompanhar essas mudanças na sociedade, caso contrário se tornará cada vez mais desinteressante. O uso das TICs impõe mudanças nos métodos de ensino dos professores de LE e esses recursos tecnológicos podem melhorar a prática pedagógica do professor, por colaborarem para um melhor desempenho dos alunos. Novas atitudes devem ser tomadas para que o ensino de LI não fique defasado e que essa prática de ensino possa substituir as velhas práticas de ensino. As TICs podem melhorar o ensino e, sobretudo, a aprendizagem da língua alvo com os diversos recursos tecnológicos.

É importante ressaltar, que a introdução de inovações tecnológicas na vida social provocam polêmicas na educação. E isso acontece quando se fala na utilização do hipertexto, internet, da Educação a Distância, da *web* ou do CD-ROM como ferramentas de ensino. É essa questão que nos faz refletir, até que ponto o giz e a lousa contribuem para a base da educação moderna, confrontados com as TICs que permitem interação em tempo real, por meio de vídeo, áudio e texto. Sabemos que os softwares educativos são um integrante muito importante no processo ensino aprendizagem da LI. O computador na educação é uma realidade que traduz diferentes modalidades de uso e aplicação, ora como máquina de ensinar, ora como máquina de aprender.

Seguem algumas tecnologias utilizadas nestes últimos anos para tornar o ensino de LE mais acessível a qualquer público, retiradas da internet:

Educação à distância: É a modalidade de ensino que permite que o aprendiz não esteja fisicamente presente em um ambiente formal de ensino aprendizagem. Diz respeito também a separação temporal entre o professor e o aprendiz. Neste processo de aprendizagem, assim como no ensino regular, o orientador ou o tutor de aprendizagem atua como mediador aquele que estabelece uma rede de comunicação e aprendizagem multidirecional, através de diferentes meios e recursos da tecnologia da comunicação.

E-Learning: Fruto de uma combinação ocorrida entre o ensino com auxílio da tecnologia e a educação à distância. Sua chegada adicionou novos significados para o treinamento e fez explodir as possibilidades para difusão do conhecimento e da informação para os estudantes e, em um compasso acelerado, abriu um novo mundo para a distribuição e o compartilhamento do conhecimento, tornando-se também uma forma de democratizar o saber para as camadas da população com acesso as novas tecnologias, propiciando a estas que o conhecimento esteja disponível a qualquer tempo e hora e em qualquer lugar.

M- Learning: Acontece quando a interação entre os participantes se dá através de dispositivos móveis, tais como celulares, *i-pods*, *laptops*, entre outros. O *M-Learning* é caracterizado pelo aprendizado em movimento ou aquele que mesmo parado utiliza dispositivos móveis como ferramenta de apoio.

TelEduc: É um ambiente de educação a distância pelo qual se pode realizar cursos através da internet.

Ambientes Virtuais de Aprendizagem: São softwares desenvolvidos sobre metodologia pedagógica para auxiliar a promoção de ensino aprendizagem virtual ou semipresencial. Facilita o gerenciamento de cursos educacionais para seus estudantes, especialmente ajudando professores e aprendizes com administração do curso.

O *Second Life*: É um ambiente virtual e tridimensional que simula em alguns aspectos a vida real e social do ser humano, podendo-se até utilizar da LE, haja vista, ser um ambiente mundial. Portanto, ele é um retrato da maioria das tecnologias utilizadas para o aperfeiçoamento e aprimoramento dos estudos de LE.

2- A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR A LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS E AS ABORDAGENS DISCURSIVAS E DO INGLÊS INSTRUMENTAL

É fato que a LI compõe os currículos da maioria das escolas no âmbito nacional, segundo a lei 11.165/2005, com a carga horaria de apenas duas horas semanais no ensino fundamental e médio. Essa lei exige a oferta de uma LE, considerando que sua aprendizagem pode possibilitar o conhecimento de outras culturas e a melhor compreensão da própria (BRASIL, 1998). O que nos chama atenção nesse sentido é que as diretrizes curriculares priorizam a perspectiva sociointeracional da linguagem. Porém, o que acontece é algo bem diferente, uma vez que o ensino aprendizagem de LI muitas vezes se fecha apenas do estudo “da língua pela língua”, de acordo com Almeida Filho (2004), dando ênfase à forma gramatical descontextualizada, fazendo com que os alunos se sintam desmotivados a aprender a língua e suas complexidades.

O ensino de LI na maioria das escolas públicas do nosso país deixa a desejar, logo, o aluno quando conclui o ensino médio vai para o mercado de trabalho sem o conhecimento preciso e satisfatório para se posicionar de forma autônoma no mundo que o cerca. Um dos fatores que nos chama muita atenção no ensino de LI nas escolas públicas, diz respeito à forma com que o professor ministra sua aula. Dentre estes destacamos: falta de domínio da língua, metodologia insatisfatória, foco apenas no ensino da gramática e traduções de textos, trabalho com vocabulário de forma solta, sem contextualizar, professor desmotivado, entre outros.

Nesse sentido, a escritora Vera Lucia Menezes de Oliveira Paiva (2007), faz algumas reflexões, como: “qual seria a metodologia mais adequada à realidade da

escola pública, para que o aluno seja estimulado a aprender e a desenvolver sua autonomia dentro e fora de sala de aula?” Segundo a autora, para que o professor de LI desenvolva uma aula eficaz se faz necessário que este saiba a língua, pois, não se ensina algo que não se tem conhecimento. Sendo assim, “a língua deve ser ensinada em toda a sua complexidade, sem restringir seu estudo a uma tecnologia (leitura) ou aspectos apenas formais (gramática)” (p.32 e 33).

Consideramos ser de grande relevância, de acordo com PAIVA, que uma boa metodologia de ensino deve se pautar em atividades de uso da língua contextualizada. Desta forma, o aprendiz tem que saber usar esta, dentro e fora de sala de aula, ou seja, é interessante que o professor desenvolva uma aula que consista em motivar seus alunos para que estes possam fazer um bom uso da língua,

[...] o aprendiz de uma língua estrangeira, quando motivado, usa essa língua para fazer alguma coisa fora da sala de aula: ouvir música, ouvir programas de rádio e TV, compreender falas em filmes, brincar com jogos eletrônicos [...] um bom método deveria oferecer oportunidades para o aprendiz ler textos em jornais e revistas, de preferência sobre assuntos de seu interesse, tais como: esporte, cinema, música, textos literários diversos, sempre de tamanho e nível de dificuldade adequados ao conhecimento linguístico dos alunos. (PAIVA, 2007. p.33)

Podemos perceber que a maioria dos professores, além de não fazerem uso das TICs para melhorar a sua prática de ensino, ainda usam os métodos tradicionais no ensino aprendizagem da LI. Esses aspectos precisam ser levados em consideração pelos profissionais de ensino de LE, que necessitam refletir sempre acerca da sua prática pedagógica, buscando metodologias que possam trazer resultados mais positivos, despertando nos alunos a vontade de querer saber e de aprender a aprender.

Para nós, a aprendizagem da LI pode contribuir para o sistema educacional como um todo, por possibilitar ao aluno novas experiências de vida, novas aprendizagens, como também, sua capacidade de relacionar-se com o mundo, aumentando sua autopercepção como ser humano e cidadão. Segundo nos descreve a Prof. Ms. Catia Aparecida Vieira Barboza, em seu artigo *A linguística aplicada e o professor de língua inglesa: novas formas de pensar a prática pedagógica*,

É importante também, que o professor não se comprometa simplesmente em concluir o conteúdo gramatical proposto para sua disciplina, mas que também se comprometa em tornar esse conteúdo relevante para o aluno em forma de textos em língua estrangeira com os quais eles possam ter contato em sua rotina fora do contexto escolar. Desta forma, a escolha dos textos a serem trabalhados também é outro ponto de extrema importância. Os textos podem atrair a atenção do aluno, por exemplo, ao usarmos um texto contendo instruções para utilizar um aparelho celular ou um equipamento eletrônico como um Mp3 ou TV que sempre estão presentes em seu dia a dia. (BARBOZA, 2009, p.23)

O ensino de LI no contexto escolar deve ser pautado em técnicas mais apropriadas para desenvolver nos alunos a capacidade de trabalhar com a língua conhecendo não superficialmente os códigos linguísticos, o que o aluno se preocupa apenas em decifrar através de tradução. O importante é usar estratégias que possam colaborar para que esse aluno trabalhe com a língua como discurso cheio de sentidos. Outra proposta seria utilizar as estratégias de leitura da abordagem do Inglês Instrumental e trabalhar com o desenvolvimento da habilidade de leitura por meio de diversos gêneros textuais. Segundo MARCUSCHI (2002, p. 24), “o discurso se realiza nos textos”, com isso, se faz necessário possibilitar a prática educativa que entenda “o discurso como prática social”.

Diante disso, é de grande relevância que o professor possa trabalhar com os gêneros textuais da nas aulas de LI, para tentar desenvolver nos seus alunos a capacidade linguística e discursiva, bem como a capacidade de construção de significados através da leitura e interpretação de textos. Para tornar uma aula mais produtiva é importante que o professor faça com que os seus alunos se sintam capazes e motivados a compreenderem os textos nas formas mais variadas, dando a eles a liberdade de se tornar autônomos. Com a finalidade de suscitar mais ainda aquele aluno que por ventura estiver desmotivado, o professor pode trabalhar com os diversos instrumentos, usando slides, vídeos, músicas, conversação e outros.

Cabe ao professor criar condições para que o aluno não seja um leitor ingênuo, mas que seja crítico, reaja aos textos com os quais se depare e entenda que por trás deles há um sujeito, uma história, uma ideologia e valores particulares e próprios da comunidade em que está inserido. Da mesma forma, deve ser instigado a buscar respostas e soluções aos seus questionamentos, necessidades e anseios relativos à aprendizagem. (SEED)

É importante que o professor desperte a curiosidade dos alunos em trabalhar com os mais diferentes textos, que tragam diversos assuntos relacionados com o cotidiano dos alunos e que respeite a cultura e a diversidade de cada um. É também relevante que o professor monte atividades pedagógicas, que chamem a atenção de toda a turma e que colabore com o incentivo para que os alunos estudem a LI fora do contexto escolar.

Em relação às sugestões para se trabalhar a LI nas escolas, propomos uma leitura baseada nas estratégias da abordagem do Inglês Instrumental ou *English for Specific Purposes* (ESP). Essas abordagens visam habilitar o aprendiz/leitor em compreender, interpretar e avaliar textos em inglês de fontes como: internet, revistas, jornais, ou livros especializados na área de seu interesse. A partir do uso dessas estratégias, o ensino de LI se desenvolve num ensino mais eficaz nas salas de aula.

O inglês instrumental foi introduzido no Brasil na década de 70 e obteve grande aceitação. Segundo Canato em seu texto *O trabalho com línguas para fins específicos em uma perspectiva interacionista sociodiscursiva*. (2011), essa introdução foi feita principalmente pelo Projeto de Inglês Instrumental liderado pela professora Dra. Maria Antonieta Alba Celani. As principais características da abordagem instrumentais mencionadas são a centralização nas necessidades do aluno, que determinam os objetivos e o planejamento do curso; o foco em temas e conteúdos relacionados às áreas de atuação do aprendiz (acadêmicas e/ou profissionais); a visão de língua como instrumento para um desempenho eficaz na situação-alvo; o uso de material autêntico; o trabalho com estratégias de leitura; a organização do curso de modo a contribuir para o desenvolvimento da autonomia do aluno, considerando sua curta duração e a necessidade que o estudante teria de utilizar a língua em situações reais de trabalho ou estudo; o ensino de gramática discursiva; as estratégias de leitura e de aquisição de vocabulário; o trabalho partindo da compreensão geral para a detalhada, valorizando a conscientização; a auto avaliação; e o uso do português. (CELANI, 2011, p.2-3)

Diante do exposto acima, é interessante também citarmos o Interacionismo sociodiscursivo (IDS), que mesmo se tratando de abordagens diferentes, as duas se completam de uma maneira bem ostensiva e podem trazer resultados positivos para a aprendizagem da LI, visto que ambas conversam entre si.

O Interacionismo sociodiscursivo (ISD) é uma corrente teórico-metodológica que iniciou na década de 80 com um grupo de pesquisadores genebrianos, que se inspiraram em Vygotsky e Bakhtin como ponto de referência. Ainda segundo Ana Paula M. B. Canato, em uma perspectiva interacionista sociodiscursiva é bem provável trabalhar com as necessidades específicas, isso significa priorizar gêneros textuais considerados importantes para a compreensão contextual, organizacionais e linguístico-discursivas, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de capacidades de linguagem. Que segundo a autora são divididas didaticamente em: capacidade de ação que prioriza o contexto; capacidade discursiva que enfoca o conteúdo temático; a organização textual; os tipos de discursos e de sequência e por último a capacidade linguístico-discursiva que é responsável pelo mecanismo de textualização, coerência temática do texto. Essas abordagens seriam o conteúdo dos livros didáticos devem partir do contexto de origem, esses conteúdos do contexto cultural de partida se relacionem aos do contexto alvo: estimular nos alunos o estabelecimento de pontes culturais com outras sociedades; propiciar a educação à diversidade sociocultural; dar ao componente cultural um peso significativo no planejamento de cursos de línguas.

Diante disso, percebemos a importância do professor aliar o trabalho com as estratégias de leitura juntamente com o gênero textual/discursivo escolhido. Segundo MARCUSCHI (2002, p.06):

[...] quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sociodiscursiva em uma cultura e não um simples modo de produção textual [...]", sendo assim, torna-se necessário sensibilizar os alunos quanto à noção de gêneros discursivos, suas funções e diversidade. O trabalho com o gênero em língua inglesa dessa forma adéqua a estratégia juntamente com o gênero escolhido por parte do professor. (MARCUSCHI, 2006, p.01)

O inglês instrumental também tem como objetivo, habilitar o aluno/leitor a compreender e interpretar os textos em inglês, utilizando algumas estratégias de leitura de modo a ajudá-lo a construir o significado do texto com mais facilidade, sem o uso de dicionários. Leva-se em conta o conhecimento prévio que o leitor tem do texto a ser lido, uma vez que, este faz o uso do seu conhecimento de mundo, adquirido na experiência de vida e em suas leituras na língua materna, de modo a possibilitá-lo

analisar as informações contidas no texto comparando essas informações com o que ele já sabe a respeito do assunto, e, assim, construir o significado do texto.

Na abordagem do Inglês Instrumental o aprendiz deve estar atento quanto à fonte de onde o texto foi retirado, o autor, a data, esses elementos são muito importantes para que este se sinta seguro de que a informação contida no texto é confiável e não está ultrapassada. O leitor também pode refletir de forma crítica sobre o assunto abordado no texto, concordando ou não com as informações apresentadas. Ainda pode tentar verificar se o objetivo do autor foi atingido no decorrer do texto. O aprendiz deve observar também os títulos, subtítulos, gravuras, gráficos, mapas, quadros, tabelas, parágrafos, itálicos, negritos, sinais de pontuação, entre outros, logo, se o leitor se atentar a estes aspectos provavelmente ele poderá compreender o texto a ser interpretado.

Nas estratégias de leitura do inglês instrumental há os *cognatos*, falsos cognatos, *skimming* e *scanning* que contribuem juntamente com os elementos citados anteriormente para que o aluno compreenda o texto a ser estudado. Vejamos a seguir o que significa cada um desses termos:

- ✓ *Cognatos*: São palavras idênticas ou muito parecidas com a língua materna na grafia e sentido, que também facilitam a compreensão do texto. Ex: dance = dançar.
- ✓ *Falsos cognatos*: São palavras semelhantes com a língua portuguesa, mas possuem significados distintos. Ex: *parents* = pais.
- ✓ *Skimming*: Significa olhar um texto rapidamente com o objetivo básico de extrair ideias gerais sobre ele, sem necessariamente lê-lo por inteiro, ou seja, basta passar os olhos, lembrando ainda que, o leitor pode fazer o uso dos termos *cognatos* ou do vocabulário já conhecido por ele, para complementar seu entendimento.
- ✓ *Scanning*: Aqui o leitor fará rapidamente a leitura do texto para tentar detectar informações específicas deste. Sendo assim, ao ler, deve tentar estabelecer objetivos para sua leitura e do texto somente as informações que são pertinentes para atender às suas necessidades de leitor no momento da leitura. Procure dialogar com o texto, questionar a validade da informação transmitida, participando ativamente do processo de construir significados.

Um aspecto interessante que não deve ser esquecido no desenvolvimento e habilidade de leitura é que deve ser acompanhado a todo o momento com perguntas que instiguem os alunos levando-os ao entendimento do texto a partir das estratégias estudadas. No Inglês Instrumental, alguns aspectos gramaticais são estudados por aparecerem no texto e serem de fundamental importância para a compreensão. Uma forma apropriada de trabalhar as regras da língua de forma contextualizada seria por meio do trabalho com as características dos gêneros discursivos.

Portanto, se faz necessário refletirmos na importância de se trabalhar o processo de ensino aprendizagem de LI usando as estratégias de leitura, haja vista que esta pode possibilitar um ensino mais eficaz. Além disso, os alunos estarão em contato com vários textos que proporcionará a eles compartilhar informações, o que ampliará o conhecimento destes.

3- TEORIA E PRÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

O artigo de Vilson J. Leffa intitulado *Malhação na sala de aula* (2008) traz reflexões sobre uma problemática muito séria no ensino de LE, a questão da divisão entre a teoria e a prática. É desafiador, mas é importante que o professor busque examinar a possibilidade da aproximação entre as duas na sua prática de ensino, pois as concepções teóricas que ele possui a respeito de linguagem e de ensino aprendizagem vão fundamentar a sua prática pedagógica, mesmo que inconscientemente. A ideia de que se aprende a fazer fazendo é provavelmente tão antiga quanto à própria humanidade; deve ter surgido quando o primeiro homem lascou a primeira pedra e se transformou em mestre para que os outros aprendessem com ele.

O autor ainda aborda sobre o objetivo final da atividade realizada em sala de aula, que nem sempre fica claro para o aluno, e muitas vezes, nem para o próprio professor. O aluno preenche uma folha de atividades e a entrega para o professor preocupado apenas com o resultado da avaliação, incapaz de estabelecer uma relação entre o que fez e a aprendizagem final pretendida, construindo assim, um mundo artificial, feito de regras e obrigações.

O que nos chama a atenção é que os professores, muitas vezes sem experiência, não estão preparados para ensinar os seus alunos a lidar com a realidade, correndo risco de não conseguir preparar seus alunos para o desconhecido. Segundo LEFFA, a formalização do ensino e a crescente substituição do material autêntico pelo simulado

acabaram gerando um abismo entre a teoria e a prática. Cria-se assim dois tipos de pensamento, que podemos definir como pensamento teórico, aquele construído dentro dos muros da academia, e o prático, construído no embate com a realidade do dia a dia.

Ainda segundo LEFFA, o emprego do exercício na aprendizagem de línguas, em qualquer um dos grandes domínios psicomotor, cognitivo ou afetivo varia bastante entre a teoria e a prática. Na prática, privilegia a fragmentação: busca-se discriminar e classificar os inúmeros comportamentos que se deseja desenvolver nos alunos, abrindo espaço para que se proponha uma infinidade de exercícios, cada vez mais especializados para atender a objetivos cada vez mais específicos. Já na teoria, o autor nos fala que privilegia-se o holismo, ou seja, o aluno é visto como um todo indispensável, sem a possibilidade de separação entre os domínios psicomotor, cognitivo ou afetivo. O conteúdo não é algo que é introduzido para dentro do aluno pelo professor, mas algo que o aluno constrói na sua interação com os outros.

As ideias de fragmentação, ordenação, repetição e manipulação da língua são todas vistas como equivocadas. Não se aprende uma língua isolando segmentos, ordenando as partes em sequência e não se aprende uma língua fazendo exercícios de manipulação desses fragmentos em sala de aula.” (LEFFA, 2008, p. 140)

A sugestão defendida por LEFFA é tentar diminuir o abismo e colocar o professor e o cientista numa mesma comunidade, criando um espaço em que possam trocar experiências e conhecimentos. Assim, a questão entre a teoria e prática pode ser resolvida pela criação de uma comunidade maior, supradisciplinar, que reúna membros das duas comunidades; parte-se, portanto, do pressuposto de que, para haver entendimento, cientistas e professores devam pertencer à mesma comunidade. “Um elo possível para a formação dessa comunidade é a produção de material didático, que pode funcionar como um elemento de ligação entre a teoria e a prática” (KRAMSCH, 1998, p.147).

É neste ponto que voltamos a falar sobre os educadores, que na sua maioria, não estão preparados para trabalhar a LI nas escolas hoje. Leffa, em seu texto *Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras* (2001,p.334), nos traz uma discussão sobre a formação de professores de LE e o ensino destas línguas. Como baseamento teórico, apoia-se na discussão sobre a formação de professores e levanta o questionamento: “Como se faz um professor de LE”, visando à prática crítico reflexiva

para o ensino de línguas?” Ele faz uma crítica sobre a formação de meros reprodutores de técnicas de ensino, priorizando a formação reflexiva de professores de LE e a importância de atualizarem a sua formação constantemente. Comenta também sobre a situação de jovens da atualidade e de como eles estão chegando na educação de nível superior.

Segundo LEFFA (2008), as pesquisas sobre formação de professores de línguas têm demonstrado certo despreparo desses profissionais frente à diversidade e complexidade em sua atuação, isso é o resultado de uma concepção epistemológica de ensino, a formação de profissionais técnicos, voltados à solução de problemas práticos e imediatos, através da aplicação de teorias científicas que se desenvolveram ao decorrer do século XIX. A partir deste conceito, buscamos a sustentação teórica nas discussões sobre formação de professores e apontar as influências da legislação na formação de futuros professores de LE.

Ter conhecimento e fazer uso das línguas estrangeiras modernas e também como instrumento de acesso a informação e a outras culturas e grupos sociais, bem como para enriquecer a nossa formação é de grande importância nos tempos de hoje. Diante disso, o autor discorre que para a preparação de professor é interessante estabelecer de modo bem claro e objetivo a diferença entre treinar e formar. Assim, define treinamento como a preparação para executar uma tarefa que produza resultados imediatos, a formação por outro lado, é vista como uma preparação para o futuro. O conhecimento evolui e aquilo que é verdade hoje provavelmente não será verdade amanhã. Conhecimento não é apenas o armazenamento de fatos, mas também a reflexão de como esses fatos podem ser obtidos, avaliados e atualizados. Isso é a formação.

Para termos mudanças e melhor desenvolvimento no ensino de LE é relevante considerar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que rege sobre o papel da educação superior e principalmente sobre as implicações que podem advir do ensino de uma LE na atualidade. Compreendemos que a formação de um professor de LE, competente, crítico e comprometido com a educação é uma tarefa extremamente complexa, difícil de ser completada num curso de graduação, por envolver aspectos linguísticos e políticos da natureza humana.

Linguisticamente, há um anseio de que o professor de LE seja competente o suficiente para motivar o aluno para o aprendizado da língua alvo, tocando o ser humano naquilo que ele possui de mais essencial, que é a capacidade da fala. Podemos

dizer também que é necessário que o professor seja suficientemente crítico para perceber as relações de poder que se estabelecem entre falantes de diferentes países quando se comunicam através de uma LE, e que possa definir o lugar do aluno nos eventos comunicativos, não apenas como receptor, mas também produtor de informação e um excelente profissional do futuro. Pode-se considerar que nos dias atuais conhecer duas ou três LE pode favorecer ao estudante quando for enfrentar o mercado de trabalho.

CAPITULO III

METODOLOGIA

Esse estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo com bases em informações quantitativas, de modo que, nela se inserem alguns dados de relevância para o desenvolvimento do nosso trabalho. É importante considerar que a metodologia a ser usada é de grande valia, pois *é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no caminho da pesquisa*. (João A. Telles, 2002, p.101). É nesse contexto que vamos descrever o percurso do nosso trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Tivemos como base a fundamentação teórica de autores que trabalham questões relevantes como o Ensino a Distância, as Tecnologias e o ensino de LE, como: Paulo Freire(1970), Paulo Freire (1979); Parâmetros Curriculares Nacionais (1998); C. Kramsch (1998); Manoel Castells (1999); Carlos Lucena e Hugo Lucena (2000);P.Singer (2001);J. V. Leffa (2001); J.Telles (2002); A.L. Marcuschi (2002); Celso Vallin (2003); Anne Marie Wautier (2003); Moacir Gadotti (2005); J. V. Leffa (2006); Q.J.F. Figueiredo (2006); Vera Lucia Menezes Paiva (2007); R.L. Vilela (2007); S. L. Vygotski (2008); J.V. Leffa (2008); Vani Moreira Kenski (2008); Catia Aparecida Vieira Barboza (2009); A. Mario Perini (2010); Ana Paula Marques Beato (2011); Vera Lúcia Menezes de Oliveira Paiva (2011), dentre outros.

Fizemos as leituras teóricas seguidas por seus fichamentos, a partir das informações adquiridas partimos para a descrição da parte teórica do trabalho. Relatamos a importância de usar as TICs no ensino de LE, com ênfase no ensino a distância e também descrevemos sobre a relevância de estudar a LI dentro e fora da sala de aula. Posteriormente, a partir das informações levantadas seguimos para a fase da análise e reflexão do material selecionado.

Com base na discussão da análise concluímos que o uso das TICs para o ensino de línguas é de fundamental importância, de maneira que, aprender e ensinar a LI nos diversos ambientes de aprendizagem, utilizando as tecnologias nos proporciona uma facilidade e um bom desempenho no ensino. Já que o ensino de LI contribui para o sistema educacional como um todo, possibilita ao aluno nova experiência de vida, novas aprendizagens, como também, sua capacidade de relacionar-se com o mundo aumentando sua autopercepção como ser humano e cidadão.

CAPITULO IV

ANÁLISE: DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO

Não podemos negar que vivemos na era das tecnologias, tanto que fazemos uso de aparelhos tecnológicos nas mais diversas formas em nosso dia a dia, ou seja, utilizamos a tecnologia para estudar, trabalhar, até mesmo nas relações interpessoais como namorar, etc. As tecnologias nos permitem estabelecer uma relação quase que, indissociável entre o comportamento humano, relação essa que se estabelece ainda na infância, nossas crianças antes mesmo de aprender a ler e a escrever aprendem a fazer uso do computador, celular, câmera digital, *tablet*, entre outros aparelhos.

Como já dito acima, as TICs tem um papel fundamental no crescimento da sociedade etrazem novos desafios pedagógicos para a educação. Não podemos nos esquecer de que foi ao decorrer dos séculos que a vida do homem foi se transformando e, devido a essas transformações, houve uma transformação no comportamento das pessoas, ao passo que a internet foi invadindo casas, escolas, trabalho criando nas pessoas a vontade de aprender e desenvolver conhecimentos múltiplos e específicos. A internet mudou a ideia que tínhamos de tempo e espaço, se antes nos limitávamos em com os livros, revistas e jornais para realizarmos algum tipo de pesquisa, hoje já é possível fazer qualquer busca através das ferramentas disponíveis nos diferentes sites na rede, por exemplo, hoje é possível digitar um assunto no *google* e em fração de segundo encontrarmos milhares de resultados. Se antigamente para comprarmos algo do nosso interesse tínhamos sair de casa para conseguir, hoje não, podemos fazer praticamente qualquer compra via internet, sendo esta uma facilidade bem usada, principalmente entre os adultos mais jovens e adolescentes de hoje.

Segundo MORAN (2004, p.1):

Hoje, com a Internet e a fantástica evolução tecnológica, podemos aprender de muitas formas, em lugares diferentes, de formas diferentes. A sociedade como um todo é um espaço privilegiado de aprendizagem. Mas ainda é a escola a organizadora e certificadora principal do processo de ensino-aprendizagem.

Conforme já dito, o desenvolvimento das TICs vem promovendo grandes mudanças no “mundo da comunicação e da informação”, trazendo um avanço positivo para a humanidade. Como descorem na nossa parte teórica, esse avanço tecnológico não é muito diferente da “educação”, pois vivemos numa era chamada “era digital”, onde o uso e acesso desses artifícios nunca foram tão importantes na vida de professores nas escolas. Com o uso da internet e das redes sociais de comunicação, surgem novos espaços para o processo de ensino aprendizagem nas escolas públicas. É importante não esquecermos também que não basta que o professor leve esses instrumentos tecnológicos para a sala de aula, mas é preciso que desenvolva uma prática pedagógica de forma que possa usa-los da forma criativa, responsável e crítica, e que desenvolva no aluno capacidades de aprender através da sua própria habilidade com esses instrumentos.

Ensinar e aprender estão sendo desafiados como nunca antes. Há informações demais, múltiplas fontes, visões diferentes de mundo. Educar hoje é mais complexo porque a sociedade também é mais complexa e também o são as competências necessárias. As tecnologias começam a estar um pouco mais ao alcance do estudante e do professor. Precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados. (MORAN, 2004, p.3)

É importante salientar, que na maioria das vezes os professores não estão preparados para essas mudanças no contexto escolar, pois vemos hoje professores despreparados para lidar com esses avanços tecnológicos. É nesse ponto que tornamos a falar sobre a preparação de profissionais da educação. Eles precisam de uma formação mais específica para que não se fechem no ensino tradicional como antes. É necessário que os professores se envolvam nos projetos que o governo oferece para melhor desenvolverem seu trabalho em sala de aula e fora da sala de aula.

No fundo, persiste ainda um problema da própria pedagogia tradicional que não transita pelas teorias pós-modernas da aprendizagem, muitas vezes não incluindo-se na formação do educador, a questão da aprendizagem tecnológica, fazendo com que este profissional permaneça, à margem da história contemporânea, ou seja contemplado por limitados treinamentos(VILELA, 2007, p.11).

É preciso que a escola adeque sua prática se apropriando das tecnologias em benefício da aprendizagem, porque o público que a frequenta hoje é mais informatizado, interage com o mundo de diversas formas, utilizando a tecnologia. Se a escola não ficar atenta às mudanças no comportamento dos jovens e adolescentes, sem dúvida ficará para trás, deixando a desejar no que se diz respeito ao ensino aprendizagem desses indivíduos. É necessário ter uma prática consciente, embasada em teorias de linguagem e de processo de ensino aprendizagem mais adequadas à construção do conhecimento.

4. PONTOS POSITIVOS: TICs NO TOCANTE A LÍNGUA ESTRANGEIRA

No tocante ao ensino de LE citamos o ensino de LI à distância. Quando nós falamos de ensino de línguas dentro e fora do ambiente escolar, reforçamos a ideia de que isso deveria ser possível a todos, de modo que contemplasse não apenas soluções para entender as atuais necessidades materiais do ser humano, mas que contribuísse para a emancipação humana como um dos requisitos para o exercício da cidadania.

Para reforçarmos a ideia de que as TICs realmente podem colaborar para o ensino de línguas, trabalhamos com a teoria de VYGOSTSKI (2008), que discute sobre a aprendizagem colaborativa de ensino. Segundo descreve CARVALHO, *a aprendizagem colaborativa surge da necessidade de inserir metodologias interativas na educação* (2012, p.1). Perante isso, sabemos que a aprendizagem colaborativa é de suma importância à construção de conhecimento entre pessoas de diversas formas, no sentido de expandir seus mais variados saberes, por meio de interações e troca de informações, que venham colaborar para a aquisição da língua alvo.

Sabemos que o conhecimento não está ligado apenas ao professor, mas é construído e reconstruído nas interações com outras pessoas que possam colaborar para que o ensino de língua se multiplique, e o uso das TICs pode facilitar essa construção. É nesse momento que defendemos a ideia de que, quando falamos de ensino de LE no Brasil, observamos que a procura pelo domínio da LI está aumentando, haja vista que ela é uma das línguas mais faladas por todo o mundo. Outro fator que está elevando o índice de procura pela fluência na LI é a copa do mundo que será realizada no Brasil.

Vale lembrar que as TICs afetam a nossa vida, a nossa maneira de viver, pois elas possibilitam mais acesso à informação, a torna disponível a todos em múltiplos lugares (*open learning*) e pode ser obtida de forma gratuita através dos (*hiperlinks*) disponíveis na rede. Por meio da internet o aprendiz aperfeiçoa seus conhecimentos da LI e é na e pela língua que o indivíduo se constitui como ser pensante.

Como já falamos acima, é interessante nos atentarmos para questões relativas ao ensino de línguas para a vida dos nossos alunos, pois há uma procura muito grande no mercado de trabalho por pessoas que saibam fazer uso da LI, que pelo menos fale e entendem as estruturas da mesma. No entanto, para que isso seja possível, o professor deve se apropriar do uso das TICs e utilizar os recursos da internet num contexto interativo com a língua, bem como se basearem em metodologias mais eficazes em sala de aula, assim, seus alunos provavelmente alcançarão maior êxito na aprendizagem.

Diante das discussões sabemos que há muitos pontos positivos no tocante ao ensino de LE utilizando as TICs de maneira produtiva. Além da internet com suas muitas possibilidades de fontes de pesquisa e exemplos de uso real da língua alvo, ainda existem os softwares educativos que são desenvolvidos por profissionais e podem enriquecer ainda mais o processo de ensino aprendizagem da LI, facilitar e ajudar o desempenho em aprender.

5. REFLEXÕES SOBRE O PREPARO DOS PROFESSORES PARA UTILIZAR AS TICS EM BENEFÍCIO DO PROCESSO DE ENSINO/ APRENDIZAGEM DE LE

Em relação à instrumentalização e formação dos professores para a utilização das TICs, acreditamos que há uma falta de empenho dos educadores e dos gestores para fazerem uso de aparelhos digitais nas escolas. Sabemos que as tecnologias estão invadindo as salas de aula, porém não há uma mudança significativa na prática pedagógica dos professores. Mas, não podemos colocar a culpa apenas nos profissionais, pois bem sabemos que a estrutura dos laboratórios escolares nem sempre são adequadas para receber as diversas turmas, sem contar a internet que nem sempre tem uma boa conexão.

Entretanto, devemos insistir que essa situação tem que se modificar, para que as mídias possam entrar no espaço escolar, de forma que sejam produtivas para os educadores e também para os alunos. Os mais diversos aparelhos estão entrando nas salas de aula, mas devemos entender isso de uma forma positiva, como um desencadeador de conhecimentos e para a facilitação da prática pedagógica do professor. Assim a escola pode manter uma relação de proximidade com a sociedade, que vem a cada dia crescendo e se desenvolvendo de uma forma absurdamente ostensiva.

Para que toda essa mudança em relação à utilização das TICs possa realmente colaborar para a melhoria na qualidade do processo de ensino de LE, é preciso principalmente que os governos invistam em cursos de capacitação dos professores na área tecnológica. É exatamente nesse ponto que devemos ficar atentos, pois se não tiver uma capacitação adequada, os profissionais dificilmente saberão lidar com os avanços tecnológicos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que as tecnologias afetam a nossa vida de uma maneira surpreendente, mudando nosso comportamento e alterando o nosso estilo de vida. Deste modo, não podemos negar que vivemos na era tecnológica, fazemos uso de diversos aparelhos que colaboram com a nossa vida de uma forma geral. É importante lembrarmos que as tecnologias nos permitem estabelecer relações quase que indissociáveis ao comportamento humano, relação essa que se dá desde a infância quando a criança entra em contato com alguns objetos como: celular, computador, câmera digital, televisão, entre outros aparelhos. Também não podemos deixar de lembrar que a internet mudou a noção de tempo e espaço, hoje é possível fazermos compras, vendas, pagamentos, divulgação de eventos, pesquisas diversas e outros, através do computador conectado à internet na nossa própria casa.

Vimos no decorrer de todo o trabalho, que as TICs podem colaborar para o ensino e aprendizagem de LI nas escolas. É nesse ponto que voltamos a ressaltar, que fazer uso de aparelhos tecnológicos não quer dizer que seja o suficiente para que o professor ministre uma aula produtiva, mas é necessário buscar práticas pedagógicas que venham colaborar para um bom uso desses artefatos, podendo ter uma aula mais significativa e obter melhores resultados com seus alunos. É interessante salientar, que, na maioria das vezes, os professores de LE não estão preparados para as mudanças tecnológicas no contexto escolar. Encontramos hoje nas redes de ensino muitos professores despreparados e desmotivados para lidar com os avanços tecnológicos.

O professor deve se apropriar do uso das TICs e da internet num contexto interativo com a língua e se basear em metodologias eficazes em sala de aula. Uma das estratégias que podem ser usadas seria a abordagem do Inglês Instrumental que visa desenvolver a habilidade de leitura por meio de estratégias. Segundo MARCUSCHI (2002, p. 24), “o discurso se realiza nos textos”, por isso, acredito que se faz necessário explorar os diferentes gêneros discursivos, como instrumentos de ensino para dar ênfase para “o discurso como prática social”. Assim, as TICs e os gêneros do discurso são aliados da abordagem do Inglês Instrumental.

É importante também destacar a relevância de entendermos a língua a nível de discurso, por meio de interação social, ou seja, aprender a LI de uma forma contextualizada. O sociointeracionismo sendo uma teoria de aprendizagem que está ligada a interação, ao contexto histórico, social, cultural e valoriza o conhecimento

prévio do aluno, que é o ponto de partida para o desenvolvimento da aprendizagem. O processo de ensino e aprendizagem, segundo Lev Vygotsky, se dá através da inserção do indivíduo na sociedade e também na relação entre os indivíduos.

Para finalizar, voltamos a afirmar que a LI contribui para a formação do aluno como um todo, pois é na e pela língua que o indivíduo se constitui. Mas, para que a aprendizagem da LI seja possível é importante trabalharmos com estratégias que venham colaborar para um bom desenvolvimento dos alunos. Como apresentamos acima, algumas abordagens que podem colaborar para que o ensino da LI de forma mais eficaz são a abordagem do Inglês Instrumental aliada a abordagem sociointeracionista, que trabalha a língua de forma contextualizada partindo dos diversos gêneros discursivos. Esperamos colaborar, mesmo de forma mínima, com os profissionais de ensino de LI. Acreditamos que este estudo ainda pode ser explorado, discutido e ampliado, fornecendo outras conclusões, porque o conhecimento não é algo pronto e acabado, mas sempre possível de ser reconstruído de muitas maneiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOZA, Catia Aparecida Vieira. **A linguística aplicada e o professor de língua inglesa: novas formas de pensar a prática pedagógica.** Revista Semioses. Rio de Janeiro. vol. 01. N. 05. Agosto de 2009. Semestral.

BRASIL, **Orientações Curriculares de Língua Estrangeira par o Ensino Médio,** Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

CANATO, Ana Paula Marques Beato. **O trabalho com línguas para fins específicos em uma perspectiva interacionista sociodiscursiva.** Rev. bras. linguist. apl. vol.11 no.4 Belo Horizonte 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** In: A Era da Informação: Economia, sociedade ecultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FIGUEIREDO, F. J. Q. (org.). **A aprendizagem colaborativa de línguas.** Goiânia: Editora UFG, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1970.

_____. **Educação e mudança.** 14a. edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Coleção. Educação e comunicação.

_____. **Pedagogia da autonomia;** saberesnecessários à prática educativa. São Paulo, PAZ e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra.** Petrópolis, 2000. (LDB 9394) **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** de 20 de dezembro de 1996. Revista do professor **Nova Escola**, maio de 2005.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação.**Campinas, SP: Papirus, 2008. (Coleção Papirus da Educação).

KRAMSCH, C. **Língua e Cultura.** Oxford: Oxford University Press, 1998.

LEFFA, V. J. **Aspectos políticos da Formação do Professor de línguas estrangeiras.** In: LEFFA, Vilson J. (Org.). O professor de línguas estrangeiras; constituindo a profissão. Pelotas, 2001, v.1,p.333-355.

_____. **Malhação na sala de aula: o uso do exercício no ensino de línguas.** *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 139-158, 2008.

_____. **O Professor de Línguas Estrangeiras– Construindo a Profissão.** Pelotas: Educat, 2006.

LUCENA, Carlos & FUKS, Hugo. **A educação na era da Internet.** Rio de Janeiro: Clube do Futuro, 2000.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. Gêneros textuais e ensino. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MEC/ Brasil. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quatro ciclos do ensino fundamental: Língua Estrangeira.** Secretaria de Educação. Brasília, DF, 1998.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras:** breve retrospectiva histórica. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/techist.pdf> >Acesso em: 25/09/2011.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira e. **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia.** Campinas: Pontes editores, 2ª edição, 2007.

PERINI, Mário A. **Sobre língua, linguagem e Linguística:** uma entrevista com Mário A. Perini. *Revel*. Vol. 8, n. 14, 2010. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

SINGER, P. Palestra ao Sindicato dos Engenheiros do RJ. **Revista Proposta**, p.44, mar./ago. 2001.

SOUZA, A.M. de FIORENTINI, L. M.R.; RODRIGUES, M.A.M, (orgs). **Educação superior a distancia: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR).** Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009.

TELLES, J. A. **Linguagem & Ensino**, Vol. 5, No. 2, 2002 (91-116).

VALLIN Celso. **Educação a distancia via internet.** (ET al.); Organizadores: José Armando Valente, Maria Elizabette B. Brito Prado, Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida. – São Paulo: Avercamp, 2003.

VILELA, L. R. **A formação de educadores na era digital.** 2007

VYGOTSKI, L.S. **A Formação Social da Mente;** trad. José Cipolla Neto. - São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WAUTIER, Anne Marie. **Para uma sociologia da experiência.** Uma leitura contemporânea: François Dubet. Sociologias. Porto Alegre. UFRGS; PPGS, 2003, p.175.